



MÃOS MARGARIDAS – EXPERIÊNCIA DAS MULHERES DE SANTA INÊS (BA) NA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Dolores Setuval Assaritti¹
Aila Cristina Costa de Jesus²

RESUMO

Mãos Margaridas foi um projeto de extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano desenvolvido no ano de 2019 em Santa Inês (BA), município baiano onde está localizado o *campus*. O projeto propôs a construção de uma rede de mulheres empreendedoras autônomas – vendedoras, artesãs, costureiras, cozinheiras, manicures, etc. – que almejavam por autonomia financeira, valorização profissional e apoio em suas atuações. O fortalecimento dos vínculos entre essas mulheres e o IFBaiano, com apoio das secretarias municipais, intencionou apoiar e agregar valor ao trabalho desenvolvido de forma artesanal pelas mãos das mulheres santineenses. As ações do projeto foram permeadas por conceitos sobre economia solidária, economia feminista, sustentabilidade, autocuidado, abordados por meio de oficinas, palestras, vídeos, e rodas de conversa. A realização das feiras construídas de forma coletiva e autogerida foi um resultado visível da execução do projeto que mostrou o estreitamento do processo de comercialização na perspectiva da economia solidária, um passo importante na busca por espaço para essas mulheres no cenário econômico do município. Muitos frutos do projeto foram colhidos de forma subjetiva uma vez que, a partir das histórias narradas pelas mulheres nos encontros, cada uma delas soube que não era a única a enfrentar violências cotidianas, dupla jornada de trabalho, e ver sua capacitação profissional, seus desejos, seus sonhos deixados sempre em segundo plano. O fortalecimento dessas mulheres diante das muitas situações de machismo e até mesmo de violência foi um dos muitos resultados subjetivos expressos em suas falas ao saírem agradecidas das ações realizadas.

Palavras-chave: Mulheres, Economia Solidária, Trabalho, Feminismo.

INTRODUÇÃO

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBaiano) lançou em 2015 o Projeto Margaridas³, editais para desenvolvimento de projetos de extensão voltados para qualificação profissional de mulheres, com vistas à redução das desigualdades sociais e econômicas, inclusão socioprofissional, igualdade de gênero e o combate à violência contra a mulher. Tendo como diretrizes a igualdade de gênero e a promoção da autonomia das mulheres os projetos atendem a políticas nacionais, institucionais e movimentos sociais, como

¹ Mestra em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp, Professora do IFBaiano *campus* Santa Inês BA, dolores.assaritti@ifbaiano.edu.br

² Graduanda em Geografia, Instituto Federal Baiano *campus* Santa Inês, ailacristinacj@gmail.com

³ O edital homenageia Margarida Alves, trabalhadora rural, defensora dos direitos humanos assassinada em 1983 na Paraíba, considerada um dos maiores nomes da luta sindical no Brasil, inspiração para a Marcha das Margaridas, maior movimento de mulheres da América Latina.



o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, a Lei Maria da Penha, a Marcha das Margaridas e a política de inclusão da rede federal de Educação Profissional e Tecnológica para grupos em desvantagem social. Com apoio deste edital desenvolvemos no ano de 2019 no município de Santa Inês – BA – o *Mãos Margaridas*.

O projeto de extensão *Mãos Margaridas*⁴, desenvolvido no município de Santa Inês (BA), onde também se localiza o *campus* do IFBaiano, propôs a construção de uma rede de mulheres empreendedoras autônomas – vendedoras, artesãs, costureiras, cozinheiras, manicures, etc. – que almejavam por autonomia financeira, independência e apoio em suas atuações profissionais. Por meio de encontros com rodas de conversa e feiras de economia solidária buscou-se o fortalecimento dos vínculos entre as mulheres participantes do projeto e o IFBaiano com apoio das secretarias municipais.

As ações foram permeadas por conceitos como economia solidária, economia feminista, sustentabilidade, cidadania e autocuidado e teve como principal objetivo agregar valor ao trabalho desenvolvido de forma artesanal pelas mãos das mulheres santineenses, com vistas a buscar por espaço para seus produtos e serviços no cenário econômico do município.

A extensão, ao lado do ensino e da pesquisa, é um dos pilares sustentadores do trabalho desenvolvido pelo IFBaiano. Consiste no estreitamento dos laços entre o saber desenvolvido dentro do instituto e o saber próprio da comunidade. Trata-se de um conjunto de atividades educativas, culturais, artísticas, científicas e tecnológicas, com participação de professores, pesquisadores, estudantes, técnicos administrativos e representantes da comunidade onde são desenvolvidas as ações. Infelizmente, não é raro encontrarmos projetos de extensão em que é estabelecida uma relação de uso da comunidade para fins de pesquisa, onde apenas o instituto se beneficia fazendo uso da comunidade sem um retorno do trabalho desenvolvido. Um projeto de extensão, consistente e consciênte, é pensado com base nas necessidades da comunidade para que esta possa usufruir dos saberes públicos gerados a nível científico. O *Mãos Margaridas* foi construído desde o início com base nessa relação mútua de partilha.

Santa Inês é um município de pequeno porte em termos populacionais, localizado no interior baiano. A população do município é de 10.363, sendo desse total, 9.514 (91,81%) residentes das áreas urbanas e 849 (8,19%) residentes das áreas rurais, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, CENSO 2010). Apesar disso, a

⁴ Projeto de Extensão do IFBaiano (*campus* Santa Inês) contemplado no edital nº014/2018 em novembro de 2018 e desenvolvido no ano de 2019 com orçamento de 3 mil reais.



dinâmica socioeconômica do município, tem forte relações com o campo e conta ainda com a presença de quatro assentamentos da reforma agrária ligados aos movimentos sociais de luta pela/na terra⁵.

Atualmente, o comércio não representa a principal fonte de renda já que o estoque de empregos formais está concentrado na administração pública. Segundo IBGE⁶ (2018), o salário médio mensal é de 1,9 salários mínimos, metade da população (50,9%) possui domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa e o índice de desenvolvimento humano (IDH) é 0,574, considerado baixo. Conhecendo essa realidade e considerando a não valorização do trabalho manual em esfera global, consequência das formas de produção vigentes, a atuação do Mãos Margaridas, se justifica no sentido de dar visibilidade à condição socioeconômica dessas mulheres que possuem o trabalho manual como uma alternativa de subsistência.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ser mulher em uma sociedade historicamente patriarcal significa nascer e ser educada para o cuidado. Cuidado com os filhos, com a família, com a comida, com a casa, com tudo e todos. Mulheres que vivem diariamente dupla jornada de trabalho e enfrentam a desvalorização tanto do trabalho dedicado ao cuidado quanto de seu ofício profissional. Que tempo resta para que essa mulher dedique-se a si mesma, à sua formação, à sua realização, ao seu desenvolvimento pessoal e profissional?

Como afirma Scott (1991), as mulheres já trabalhavam antes da revolução industrial, como criadas domésticas, empregadas na agricultura, costureiras, chapeleiras, etc. O trabalho das mulheres só se tornou um problema quando a atuação destas estava em desacordo com o grande investimento que se fazia na construção discursiva de uma divisão sexual do trabalho voltada para a justificação da exploração da mão de obra destas mulheres. Considerava-se que o trabalho fora de casa ameaçava a sobrevivência das famílias, nesse sentido, era mais assertivo em vez de retirar-lhes o direito de atuar na produção legitimar a dupla jornada de

⁵ São os Projetos de Assentamentos: Jequiricá (conhecido como Natur de Assis), Itatiaia, Rancho Alegre e São Paulo (conhecido como Hermes de Caires). Ao todo, são 184 famílias assentadas em uma área de 4.592,16 hectares (PROJETO GEOGRAFAR, 2015).

⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/santa-ines/panorama> (acesso em 31/08/2020).



trabalho. E é assim até hoje, a dupla jornada de trabalho é presente na rotina da mulher brasileira impedindo que ela desenvolva suas potencialidades para atuar em função de sua família.

Por isso, a economia tradicional, dominante, aquela preocupada em maximizar o lucro com menor custo possível, aquela feita por homens brancos, não serve para pensar a participação econômica dessas mulheres. O paradigma dominante dessa economia classista e machista tem invisibilizado o trabalho das mulheres. Precisamos ir além, precisamos do suporte de uma economia feminista, que abarque as especificidades da vida dessas trabalhadoras. Como afirma Mirian Nobre (2003):

O reconhecimento da contribuição das mulheres na produção de riquezas e na promoção do bem estar das sociedades, implica sair de uma lógica monetária, de maximização do lucro e acumulação de capital [...] Esta ignorância do papel fundamental da economia não monetária ao desenvolvimento torna invisível e desvaloriza boa parte do trabalho das mulheres na sociedade (NOBRE, 2003, p.3,4).

Nascida na Europa no século XIX, em meio ao movimento de produtores agrícolas e grupos operários organizados contra a precarização de suas condições de trabalho, a economia solidária é retomada há cerca de 30 anos na América Latina como um novo modo de produção ainda associado à economia social e à economia popular. A economia solidária dá visibilidade e agrega valor ao trabalho dessas mulheres que anseiam pela realização profissional, mas precisam se desdobrar para cumprirem funções domésticas. Trata-se de uma proposta ideológica e metodológica de trabalho capaz de fortalecer o coletivo e cuja “identidade principal reside na sua condição de provedor do sustento do grupo sem a presença da mercantilização do trabalho, com uma racionalidade produtiva fortemente imbricada nas relações sociais de seus membros” (COSTA 2011, p.20).

Borges e Sguarezi (2012) e Cabral (2005) falam sobre a essência educativa da economia solidária como um instrumento de formação humana capaz de construir saberes com base no rico diálogo que brota da multiplicidade de atores, da diversidade cultural, política e econômica. Esse processo de formação se dá dentro da economia solidária desde a mobilização coletiva até a organização gerencial do empreendimento.

Sua forma de funcionamento se contrasta com o sistema econômico dominante, capitalista, pois, o centro da atividade econômica passa do capital para o trabalho, da maximização do lucro para o preço justo, da hiperespecialização para a politécnica, da competitividade abusiva para a solidariedade. Sendo assim, a lógica centrada no consumismo



ganha as dimensões social, ética, cultural, ambiental e política (BORGES; SGUAREZI, 2012).

A autogestão, além do aspecto econômico, preconiza o desenvolvimento humano, discussões e decisões coletivas, educando, conscientizando, fazendo com que a pessoa se sinta autoconfiante e segura, um campo fértil para o fortalecimento dos vínculos do grupo. Dessa forma, “(...) A economia solidária é um ato pedagógico em si mesmo, na medida em que propõe uma nova prática social e um entendimento novo dessa prática. A única maneira de aprender a construir a economia solidária é praticando-a” (SINGER, 2002, p. 19).

A economia solidária promove uma mudança de paradigma com foco na cooperação, na inteligência coletiva, livre e partilhada. Trata-se de um movimento social e político que luta por formas de desenvolvimento por meio de solidariedade, preservação ambiental, democracia e direitos humanos (TYGEL, 2011).

Por toda essa ideologia inerente à economia solidária, pelo seu caráter pedagógico, pela sua potência em fortalecer vínculos, pela sua dimensão social e política ela foi para o Mãos Margaridas uma proposta metodológica e reflexiva fértil na promoção do debate sobre a produção coletiva feminina e, sobretudo, acerca da representação da mulher no cenário econômico do município de Santa Inês.

METODOLOGIA

O projeto Mãos Margaridas foi proposto pelas docentes do IFBaiano Dolores Assaritti e Rita Garcia e a equipe foi composta por onze estudantes do Ensino Médio Técnico Integrado⁷ (cursos de Alimentos, Zootecnia e Agropecuária); sete estudantes das licenciaturas em Geografia e Ciências Biológicas⁸; quatro docentes⁹ e uma técnica administrativa¹⁰ do IFBaiano *campus* Santa Inês. Somaram à equipe Vanessa Menezes, assistente social atuante no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do município; e Gércica Santos de Souza, Coordenadora de Cultura do município. Toda a equipe foi composta por mulheres.

⁷ Sílvia Pereira de Almeida, Letícia de Souza Tanan, Emile de Souza Magalhães, Erica Teixeira, Larissa Santana dos Santos, Sonaly Franciny Santos Magalhães, Emily Moura Bispo, Vivian Santos de Oliveira, Hannya Figueiredo dos Santos, Luana Gonçalves Bastos, Emilly Novaes Santos.

⁸ Aila Cristina Costa de Jesus, Lindilane Souza Brito, Cintia Rios, Maíra Vitória Moreira dos Santos, Elane Maria dos Santos, Cledes Batista Santos, Ivone Araújo Pedreira.

⁹ Cláudia Lima, Marilete Cândido de Mattos Previero, Camila Sequetto Pereira, Dalila dos Santos Monteiro.

¹⁰ Tania de Santana Nunes.



O ano de 2019 iniciou com o trabalho da equipe para estabelecer vínculo com as instâncias públicas do município de Santa Inês (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social; Secretaria de Agricultura, Pecuária e Meio Ambiente; e Secretaria de Cultura) na busca por espaço para realização dos encontros e foco na divulgação do projeto para as mulheres da comunidade (Figura 01).

Foram realizados dois encontros no primeiro semestre de 2019 (27/04 e 25/05), no segundo deles as mulheres decidiram coletivamente pelo nome Mãos Margaridas¹¹ e pela realização de uma feira para exposição e venda de seus produtos e serviços, a **I Feira de Economia Solidária das Mãos Margaridas** (figura 03) foi realizada no dia 15 de junho, na recém-inaugurada Praça da Bíblia. O segundo semestre foi iniciado com um encontro (17/08) e, no aniversário da cidade (26/10), foi realizada **II Feira de Economia Solidária das Mãos Margaridas** (figura 04) na Praça do Cruzeiro, centro comercial do município. Em novembro realizou-se a **Mostra de Economia Solidária das Mãos Margaridas** na Feira de Saúde e Cidadania do IF Baiano *campus* Santa Inês e finalizamos o ano com uma confraternização. Com exceção da participação na feira de Saúde e Cidadania realizada no próprio *campus*, todos os outros encontros foram na Secretaria de Agricultura Pecuária e Meio Ambiente do município, aos sábados, com uma duração média de 4 horas cada.

Inspirados no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em todos os encontros foram pensados espaços de *ciranda* para acolhimento dos filhos e filhas das mulheres do projeto, dessa forma, as mulheres participavam dos encontros enquanto as crianças brincavam e interagem com as monitoras (estudantes do IFBaiano). Segundo Edna Rosseto, as *Cirandas Infantis* do MST surgiram no momento em que fez-se necessária a elevação da renda das famílias assentadas por meio do trabalho das mulheres (ROSSETTO, 2010).

O espaço *ciranda* foi crucial para o Mãos Margaridas uma vez que as mães podiam levar as suas crianças e participar sem preocupação e, para as estudantes que socializavam e aprendiam com as crianças, representou uma forma importante de integrar o projeto. Com a prática das *cirandas* as mulheres dedicam sua atenção às atividades desenvolvidas, além disso, a convivência entre as crianças e as estudantes permite trocas de saberes com abordagem de temas e ações educativas.

¹¹ No edital nº 014/2018, o projeto é intitulado Margaridas do Jiquiriçá, fazendo referência ao Território de Identidade o qual o município de Santa Inês, junto com mais 19 municípios, compõe.



Ao todo 35 mulheres¹² participaram do projeto, a maior parte era de mulheres da cidade e algumas dos assentamentos de reforma agrária do município de Santa Inês. A maioria das mulheres era maior de 40 anos e negras, esse perfil retrata o cenário do país em que essas mulheres, em muitos casos, são chefiadas de família, responsáveis pelo sustento e manutenção do lar (MARCONDES, 2013). Segundo dados do “Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil” do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2013), ao considerarmos a cor/raça, nas famílias chefiadas por mulheres, há maior proporção para as famílias chefiadas por mulheres negras.

O orçamento foi utilizado principalmente na aquisição de alimentos para os lanches, muitas vezes foram adquiridos produtos das cozinheiras do próprio grupo. Investiu-se também na compra de materiais de papelaria, de divulgação, brinquedos para a ciranda e no transporte das alunas do IFBaiano para os locais dos encontros.

Os encontros foram marcados principalmente por rodas de conversa. A equipe de professoras e alunas incumbia-se da composição do espaço para que todas se sentissem acolhidas e a vontade para narrar suas experiências de vida, suas experiências de trabalho, suas expectativas em relação ao projeto, suas expectativas em relação ao seu próprio trabalho. Dessa forma, intencionalmente sensível, construiu-se a muitas mãos uma rede em que cada mulher pouco a pouco se identificou com as histórias narradas. Assistimos vídeos, cantamos e dançamos juntas em roda, fizemos também dinâmicas específicas para trabalhos com grupos de mulheres (Figura 02), como as propostas pelo *Caderno Empírica* desenvolvido pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Unicamp – ITCP (EMPIRICA, C. 2009).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A valorização dos modos de produção manual, o estreitamento do processo de comercialização na perspectiva da Economia Solidária são resultados visíveis do projeto alcançados dentre outras formas na realização das feiras que possibilitaram a exposição pública dos produtos e serviços realizados pelas mulheres, ou seja, a feira é uma vitrine que surtiu efeitos positivos no sentido de aumentar a quantidade de encomendas e vendas, fortalecendo a produção do grupo.

¹² As mulheres que podem ser identificadas nas fotos deste artigo assinaram um termo de consentimento autorizando o uso de suas imagens.



Promover o debate sobre a produção coletiva feminina e, sobretudo, sobre a representação da mulher nesse cenário é ação necessária e urgente. Nesse sentido dá-se o mérito da atuação desse projeto que, além de pautar toda a temática aqui exposta representa um importante vínculo entre o IF Baiano como instituição pública federal, as instancias públicas municipais e a comunidade, fortalecendo a rede de mulheres empreendedoras, a subsistência dessas famílias, o comércio justo e a sustentabilidade.

Ao analisar os materiais audiovisuais construídos pela equipe a cada encontro, é visível o vínculo estabelecido entre as mulheres. O Mãos Margaridas foi constituindo-se na relação entre as mulheres que já se conheciam da cidade e que agora faziam parte de algo além de suas vidas individuais, esse vínculo é a premissa para a construção da economia solidária.

As vivências das discentes no desenvolvimento do trabalho com mulheres e as experiências a partir e com espaços não formais de educação foram destacados pelas estudantes de diversas formas. Por meio da extensão foi possível às discentes do ensino médio-técnico e da graduação participarem de ações educativas e de socialização para além dos muros da instituição, atuando durante o projeto na troca de saberes sobre feminismo, economia solidária e automovia feminina. Conforme Borges e Sguarezi (2012), esse é o caráter pedagógico da economia solidária, práticas baseadas na construção e troca de conhecimento.

Além disso, muitos dos frutos desse projeto foram colhidos de forma subjetiva, principalmente nas falas de satisfação de todas as participantes, professoras estudantes, mulheres da comunidade e representantes das secretarias municipais, ao saírem agradecidas das ações realizadas. Ainda mais difícil de mensurar e não menos importante, é o fortalecimento de todas as mulheres diante das muitas situações de machismo e até mesmo de violências narradas nos encontros. Ao ouvirem os relatos umas das outras elas sabem que não são as únicas a viverem violências cotidianas, a enfrentarem dupla jornada de trabalho, a deixarem seus desejos, seus sonhos e seus prazeres sempre em segundo plano. A rede mostrou-se efetiva na busca por alternativas para lidar com essas situações de forma coletiva e também individual.

Figura 01. Material confeccionado pela Assessoria de Comunicação do IFBaiano para divulgação



Fonte: Acervo do projeto, 2019.

Figura 02. Registros dos encontros do projeto *Mãos Margaridas*



Fonte: Acervo do projeto, 2019.

Figura 03. Registros da I Feira de Economia Solidária das Mãos Margaridas



Fonte: Acervo do projeto, 2019.

Figura 04. Registros da II Feira de Economia Solidária das Mãos Margaridas



Fonte: Acervo do projeto, 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constituído o grupo, firmadas as parcerias e, principalmente, com o histórico das ações bem sucedidas, a intensão era dar sequência aos encontros com as mulheres e promover a realização das próximas feiras. Para tanto, seria necessário renovar o projeto para o ano de



2020 pelo mesmo edital, porém, em decorrência dos cortes orçamentários efetuados pelo atual governo em toda a rede federal de ensino, a Pró-reitora de Extensão do IFBaiano suspendeu o edital do Projeto Margaridas e, infelizmente, o Mãos Margaridas foi finalizado em dezembro de 2019.

A interrupção do projeto Mãos Margaridas pela atual política nacional não é um fato isolado, nossa crise política e educacional é fruto do sucateamento planejado das instituições públicas de ensino. A educação pública, sustentada em seu tripé, ensino pesquisa e extensão, é vista como um gasto e não como um investimento, além de ser uma forma de emancipação e engajamento político que não interessam ao atual projeto político nacional. Nesse sentido, de mãos dadas, a educação e a economia solidária são formas de resistência possíveis na busca por mais consciência e autonomia para a população.

Em janeiro de 2020, concomitante ao período de férias institucionais, algumas mulheres expuseram seus produtos na festa da padroeira cidade utilizando a faixa do projeto Mãos Margaridas. Apesar de não haver mais apoio financeiro e/ou institucional elas tinham como intenção continuar com os encontros e com ações do coletivo, porém, com a pandemia de COVID-19 o único contato que restou foi o grupo do *whatsapp*, uma ferramenta bastante nova de diálogo que, para as mulheres do grupo não se mostrou eficiente no fortalecimento de ações coletivas virtuais.

Considerando essa conjuntura somada às limitações individuais, coletivas e próprias do município, o projeto atuou no sentido de proporcionar avanços nas diversas formas de desenvolvimento das mulheres e da região. Destacam-se a autorrealização, interesse por participação e maior engajamento político, o reconhecimento da viabilidade econômica da organização, a geração de renda e o despertar de um sentimento de pertencimento ao local onde vivem. Para essas mulheres, tais conquistas podem sinalizar um movimento de fissura com o lugar predestinado pela cultura machista e patriarcal às suas funções sociais, aumentando suas interações com a comunidade em busca de independência, autonomia e realização profissional.

REFERÊNCIAS

BORGES, J. B.; SQUAREZI, S. B. Economia solidária e educação. **Akrópolis**, Umuarama, v. 20, n. 3, p. 151-158, jul./set. 2012.

COSTA, J. C. Mulheres e economia solidária: hora de discutir a relação! **Sociedade e Cultura**, 2011, 14.1: 19-27.



CABRAL, S. M. Economia solidária: um processo educativo. **Revista Prâksis**, Novo Hamburgo, v. 1, p. 27-31, 2005. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/view/538/468>. Acesso: 20 fev. 2019.

EMPÍRICA, C. **Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Estadual de Campinas**. Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários. UNICAMP. Campinas/SP: Instituto de Economia, 2009.

GeografAR. **Banco de Dados: Formas de acesso a terra**. Salvador, 2011. Disponível em: www.geografar.ufba.br. Acesso em: 14 set. 2020.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 07 set. 2020.

MARCONDES, M. M. *et al.* (Org.). **Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília: IPEA, 2013.

NOBRE, M. **Mulheres na economia solidária**. A outra economia. Porto Alegre: Veraz, 2003, 205-211.

ROSSETTO, E. R. A. (2010). A educação das crianças pequenas nas cirandas infantis do MST. **Múltiplas Leituras**, 3(1-2), 103-119.

SCOTT, J. W. A mulher trabalhadora. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michèle. **História das mulheres: o século XIX**. São Paulo: Afrontamento, 1991.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

TYGEL, D. O que é Economia Solidária. In: **CIRANDAS**. Brasília, 04 mar. 2011. Disponível em: <https://cirandas.net/fbes/o-que-e-economia-solidaria>. Acesso em: 30 ago. 2019.